

Ajuste anima o governo a buscar apoio externo

Ao partirem para Europa e Estados Unidos, a ministra Zélia e o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, fizeram suas malas com uma série de indicadores econômicos positivos e uma forte dose de otimismo. O número-chave que eles estão colocando nas mesas de negociação com as autoridades do Clube de Paris e do Fundo Monetário Internacional (FMI) é a estimativa de superávit de 1,22% do Produto Interno Bruto nas contas deste ano, invertendo a tendência crônica dos déficits públicos acumulados ano a ano pelo Brasil. Com esta projeção, anunciada na semana passada, e mais uma série de outros dados acumulados nos últimos dias, a equipe econômica procura retomar relações normais com a comunidade financeira internacional. Espera, particularmente, entender-se com o FMI, atingindo um acordo que, segundo Kandir, "será um ponto de partida importante para a renegociação de nossa dívida externa". E é dessa renegociação global da dívida que poderão vir novos resultados no sentido da estabilização da economia, na visão do governo.

O otimismo que a ministra Zélia procurou transmitir em seus contatos com autoridades econômicas e empresários ingleses, alemães e franceses resultou ao menos em um importante trunfo, expresso no apoio do ministro da Economia da Alemanha, Helmut Haussmann às medidas de ajuste já adotadas pelo Brasil e que entram na pauta de discussões com o FMI e o Clube de Paris. Apoio importante num momento delicado, com os credores privados registrando em seus balanços financeiros as conseqüências da suspensão de pagamentos dos juros da dívida brasileira, como é o caso do Citicorp.

De qualquer forma, para as duras negociações previstas com o FMI, o governo brasileiro tem resultados a apresentar de seu esforço de ajuste. A explosão inflacionária deu lugar a números mais aceitáveis, ao mesmo tempo que os indicadores recentes da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), da USP, indicam uma tendência de recuo da inflação. O sensível mercado financeiro confirmou isso, praticamente, com um voto de confiança na ação do Banco Central. O BC conseguiu colocar em seu leilão de anteontem Letras do Tesouro Nacional com vencimento programado para 42 dias, que é o prazo mais longo desde que o governo voltou a lançar esses títulos prefixados, no final de maio.

Os números da balança comercial, por sua vez, mostram que o País continua demonstrando capacidade de acumular superávits, apesar de os resultados do primeiro semestre indicarem um recuo de 32,06% no saldo comercial. Esta certamente será uma questão espinhosa na negociação com o FMI, que tradicionalmente exige saldos comerciais crescentes, para a geração de recursos destinados ao pagamento da dívida.

Apesar dos números positivos que colheu, o governo presente que mesmo os sinais de confiança emitidos pelo mercado financeiro são ainda instáveis. "É necessária uma vigilância das medidas que estão dando resultados positivos", prega o diretor de Política Monetária do BC, Luís Eduardo de Assis. E é precisamente neste setor que o governo tem demonstrado melhores números, como expôs na terça-feira o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, ao revelar que, por conta do aperto monetário, a circulação de moeda tem sido mantida em níveis abaixo do previsto.